

**MODERNIDADE E HORIZONTE
PRÉ-CIENTÍFICO EM EDMUND HUSSERL***Modernity and pre-scientific horizon in Edmund Husserl***Leonardo de Sousa Oliveira Tavares¹***Artigo recebido e aprovado em abril de 2015.***Resumo**

Na contemporaneidade, torna-se evidente uma crise de fundamentos. Da Epistemologia à Estética, são postos sob suspeita os princípios inquestionáveis, os axiomas que, por muito tempo, foram considerados imprescindíveis para qualquer teorização. O grande problema das ciências, nesta fase de carência de fundamentação, está na insuficiência da razão ao tentar fundamentar um conhecimento especializado totalmente alheia a qualquer princípio geral, ou abstrato, para não dizer metafísico. O ímpeto iluminista de erigir disciplinas particulares, baseadas em princípios seculares e auto-centradas na racionalidade humana, é cada vez mais problematizado e apresentado como insuficiente quando evidenciamos, neste tipo de conhecimento, sua carência de fundamentos e a ausência de vínculo com as dimensões existenciais que mais dizem respeito ao ser humano. No atual estado de coisas, a ciência se desenvolve apartada deste solo (boden) que fundamenta todo o fazer humano, que justifica tudo o que a humanidade é no âmbito social, político, científico, cultural e, até mesmo, determina o que nós classificamos como o que há de mais essencial ao homem.

Palavras-chave: Husserl, mundo da vida, fenomenologia.

Abstract

In contemporary times, it becomes evident a crisis of fundamentals. Of Epistemology to Aesthetics, are put under suspicion the unquestionable principles, axioms for, a long time, been considered essential for any theorizing. The great problem of science at this stage of deficiency of reasoning is the failure of reason to try to justify a specialized totally unrelated to any general principle or abstract, if not metaphysical knowledge. The Enlightenment urge to erect particular discipline, self-centred and based on secular principles on human rationality is increasingly questioned and presented as insufficient when we noted, this kind of knowledge, a lack of fundamentals and the absence of links with the existential dimensions that most say respect for the human. In the current state of stuff, science develops apart of this soil (boden) that underlies all human do, justifying all that humanity is in the social, political, scientific, cultural and even determines what we classify as what is most essential to man.

Keywords: Husserl, lifeworld, phenomenology.

¹ Filósofo formado pela UFPB. Mestrando em Filosofia (UFPB).
Email: lsotavares@outlook.com

Ao longo do século XVII e XVIII, o rigor do método marca e instaura o advento das ciências modernas. Após Bacon, Descartes e Galileu, ou seja, após a valorização do conhecimento empírico, a caracterização do pensamento metódico e a consagração da linguagem matemática para a descrição e decifração da natureza, as ciências, de um modo geral, desvincularam-se de seu fundamento, de seu solo de partida. Husserl, em sua *A Crise das Ciências Europeias* e a *Fenomenologia Transcendental*, ao criar o conceito de mundo da vida (*lebenswelt*), esforçou-se para reatar o conhecimento científico aos problemas originários, de onde provém toda e qualquer cientificidade. Nosso trabalho está voltado para uma breve revisão dos pressupostos da filosofia moderna, aqui representada por Bacon, Descartes e Galileu, acompanhada de uma crítica husserliana das insuficiências propostas e admitidas pelo pensamento moderno. Nossa meta é apresentar qual é a função do conceito de mundo da vida e qual problema filosófico acaba apelando para o surgimento deste conceito. Estaremos voltados para o reconhecimento do problema que leva Husserl a criar o conceito de mundo da vida, na relação entre a Fenomenologia Transcendental e o projeto fenomenológico husserliano tomado de uma forma geral, a título de explanação. E, por fim, lidamos com o conceito de mundo da vida como base para a fundamentação do último estágio da obra husserliana.

A modernidade, por sua vez, é um período da filosofia marcado pela criação do que podemos chamar de um pensamento metódico. Filósofos, como Bacon e Descartes, lançam neste período as bases do que nós conhecemos hoje pelo nome de ciência. O cogito cartesiano (1596-1650), a ética geométrica de Espinosa (1632-1677) e toda esta pretensão de descobrir as leis mais íntimas da natureza leva os maiores pensadores dessa época à tecerem uma relação íntima entre fenômenos naturais e caracteres matemáticos. Relação esta que tem a sua melhor expressão com a afirmação galileiana¹: “a natureza é um livro escrito em caracteres matemáticos”.

Em *O Ensaiador*, obra na qual Galileu (1564-1642) critica um astrônomo rival, por diversas vezes são apresentados fenômenos naturais como ocorrências redutíveis à exposições matemáticas que, segundo o método galileano, extraem tudo que podemos saber do fenômeno. A partir de alguns exemplos de elipses planetárias, trajetórias de corpos traçadas a partir de retas entre A e B, tentamos apontar o que motivou Husserl (1859-1938), na *Crise das Ciências Europeias* e a *Fenomenologia Transcendental*, a escolher a obra de Galileu Galilei como representante máxima da matematização da natureza. Sabemos que a partir da divulgação de sua obra, Galileu tornou-se, cada vez mais, uma constan-

¹ Conforme é dito em *O Ensaiador*, IV.

te entre os sistemas filosóficos e as teorias científicas da modernidade², porém, como destacar um representante da matematização entre tantos outros ilustres expoentes do mesmo movimento? Em oposição a Galileu, na contemporaneidade, Husserl propõe uma crítica direcionada à matematização da natureza como alternativa para a obtenção do conhecimento de uma instância originária, pré-científica e insubordinada a qualquer caractere matemático. Ao estabelecermos uma relação entre Galileu, o representante das ciências modernas, e o seu crítico, Edmund Husserl, temos a finalidade de apresentar o momento de ruptura que leva a ciência moderna a perder-se de seu solo filosófico e a responsabilidade de Galileu, principalmente, neste movimento da modernidade.

A criação das ciências modernas demarca um período de mudanças na cultura ocidental sem precedentes. Talvez nunca o senso comum tenha cedido com tanto zelo e devoção à uma ideologia vigente. Antes, talvez, existiram instituições religiosas poderosas, políticos sedutores, mas nada que se equipare a doutrina filosófica que tornou possível às ciências modernas. Atualmente, ouvimos a afirmação “está cientificamente provado” como se este fosse o critério último para a certificação da verdade do que é afirmado. A pretensão de exatidão dos modernos nas investigações dos fenômenos naturais não poderiam se desenvolver, senão, por intermédio da linguagem matemática. Gerações de filósofos acabaram por se deixar influenciar por este plano metodológico que veio à luz com Galileu Galilei e o amadurecimento do método científico.

Poderíamos sintetizar o método galileano em uma breve tematização de seus três princípios: A observação do fenômeno segundo uma hipótese, a experimentação e a descoberta da regularidade matemática do fenômeno analisado. É de se perceber que Galileu supunha ser imprescindível a criação de uma hipótese matemática antes mesmo do encontro com o objeto, pois, só apoiado em suposições numéricas seria possível observar o fenômeno conforme a única maneira de compreendê-lo cientificamente. A validade da observação dá-se a partir da submissão do que foi constatado nos experimentos pelos quais os fenômenos observados devem se justapor. E, por fim, após a repetição e observação em diversas nuances do mesmo fenômeno, à medida que a análise avança, é encaminhada a descoberta dos padrões matemáticos, as regularidades numéricas que apresentam-se, segundo Galileu, nos fenômenos. Não haveria grande prejuízo, se este método fosse apre-

² Descartes, pensador arquetípico da Filosofia Moderna, antes de enumerar e descrever os quatro princípios do método, assume: “Quando mais jovem, havia estudado, entre as partes da filosofia, a lógica, e, entre as matemáticas, a análise dos geômetras e a álgebra, três artes ou ciências que pareciam dever contribuir para meu objetivo.” (DESCARTES, 2002, p.88). A divisão do problema em pequenas partes, a ordenação do pensamento do elemento mais simples ao mais complexo, são exemplos de regras de natureza matemática impostas ao pensamento. Isto nos leva a crer que Descartes, contemporâneo de Galileu, foi também influenciado por uma época em que a ciências exatas eram investidas de grande prestígio.

sentado como meio para identificação de uma única perspectiva das mostrações fenomênicas, porém, este não é o caso. Galileu, ao abolir a silogística aristotélica e a dicotomia medieval entre uma dimensão mundana e uma dimensão divina, pretende uniformizar a observação e análise da natureza a partir de um único método de investigação.

Um método matemático de interpretação justapõe-se à experiência empírica, uma forma de decifrar as leis da natureza que torna-se um lugar comum entre os modernos. Francis Bacon (1561-1626), ao sugerir um novo procedimento científico, privilegia o valor pragmático da descoberta em detrimento das capacidades puramente reflexivas. Ao afirmar que “A verdadeira e legítima meta das ciências é a de dotar a vida humana de novos inventos e recursos.” (BACON, 2005, p.64)³, o autor no *Novum Organum*, na citação LXXXI, acaba por incentivar o desenvolvimento das técnicas no interior das ciências e, por diversas vezes, desencoraja o estudo da política e da Ética que, segundo ele, podem até proporcionar algum ganho localizado, diferente das grandes descobertas que são capazes de melhorar a qualidade de vida de toda a humanidade. A intenção de manter o estudo dos corpos em relação exclusiva com a linguagem matemática é cultivada por Galileu e é um posicionamento teórico que nos faz lembrar da relação, estabelecida entre os modernos, entre os corpos naturais e os mecanismos. Enquanto os engenhos humanos são projetados por inventores, segundo a concepção moderna, os corpos naturais são projetados por uma faculdade divina que também age segundo os princípios das ciências matemáticas. O método científico galileano está claramente atrelado aos incentivos da técnica tão bem representados por Bacon. A matematização é consequência de uma ambição desenfreada provocada pelo apelo pragmático do desenvolvimento das tecnologias.

O discurso para o desenvolvimento da técnica encontra-se vinculado à univocidade de um método que, dentre outras características, baseia-se na exclusão de todas as perspectivas filosóficas que não se voltem para as melhorias das condições da vida humana⁴. No caso de Galileu, os elementos matemáticos não são banidos como noções vazias, graças ao pressuposto galileano de que as próprias coisas foram compostas a partir dos moldes delineados pelos próprios elementos matemáticos. Diz Francis Bacon sobre método que deve servir ao homem moderno:

³ O professor Evaldo Becker analisa na primeira parte do artigo *Natureza x Sociedade: percursos e percalços de nossa trajetória científico-civilizacional* a contribuição de Francis Bacon para o Projeto da Modernidade. A partir desta leitura, planejamos estabelecer uma relação entre Bacon como pensador contemporâneo ao Galileu, levando em consideração a influência mútua decorrente da mesma época e dos ambientes comuns entre os autores.

⁴ Melhores condições de vida aqui concebida no sentido baconiano e, conseqüentemente, moderno. As condições da infraestrutura e do desenvolvimento técnico de uma sociedade que, a partir de suas conquistas no âmbito tecnológico, pode oferecer aos seus cidadãos uma vida mais confortável e acomodada.

Resta-nos um único e simples método para alcançar os nossos intentos: levar os homens aos próprios fatos particulares e às suas séries e ordens, a fim de que eles, por si mesmos, se sintam obrigados a renunciar às suas noções e comecem a habituar-se ao trato direto das coisas. (BACON, 2005, p.39)

Torna-se uma constante no método galileano esta relação entre a experiência particular e as hipóteses e resultados de pesquisa matemáticos dotados de uma conotação universal. Atentemos para o fato que, segundo este método, a experiência é posterior a uma hipótese matemática e percebamos que a renúncia de toda e qualquer outra noção implica em afirmarmos que o mundo galileano encontra-se matematizado e concebido como uma grande máquina, um engenho projetado por um terceiro transcendente. A distinção que poderíamos assinalar aqui, entre Bacon e Galileu, está nos caminhos adotados para se atingir a um mesmo fim, ambos desejam servir ao império da técnica. Pois,

Ciência e poder do homem coincidem, uma vez que, sendo a causa ignorada, frustra-se o efeito. Pois a natureza não se vence, se não quando se lhe obedece. E o que à contemplação apresenta-se como causa é regra na prática.” (BACON, 2005, p.33)
O saber compromete-se em efetuar melhorias, ao passo que domina e torna mais confortável a existência em um mundo compreendido matematicamente.

Galileu, ao escrever *Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo* (1623), destaca-se na tradição filosófica, não por suas descobertas no campo da astronomia, mas pelo esboço da ciência moderna em todo seu vigor. O autor luta para desvencilhar-se de todos os dados doutrinários filosóficos e religiosos na busca da observação exclusiva do fenômeno natural. Porém, nas descrições galileanas dos fenômenos naturais é nitidamente predominante a linguagem matemática como expressão do que consideramos ser o fato natural. Embora o autor viesse a ser independente do aristotelismo, ao tratar de cosmologia, permanecia intacta, em Galileu, a crença dos modernos em um universo máquina, regido por “mecanismos e engrenagens”, forças e velocidades passíveis de contagens e metrificações exatas. Ele traz consigo esse pressuposto e, desde sua época, muitos cientistas e filósofos acatam irrefletidamente uma perspectiva de matematizada da natureza. “Precisamente com Galileu começa, então, a substituição da natureza pré-cientificamente intuível pela natureza idealizada.” (HUSSERL, 2012, p.39).

A contemplação da natureza, segundo os moldes matemáticos, priva-nos do contato originário com a natureza despida de qualquer idealização, ao apresentar-se como fenômeno pré-científico.

[...] confessando ingenuamente não ter pensado nos movimentos excêntricos ou nas linhas ovais ou nas outras irregulares. Isto aconteceu porque não é meu feito prestar ouvido aos conceitos que não estão ligados ao argumento de que se está

tratando. E qual é a finalidade de Sarsi ao transformar o movimento ao redor do Sol em uma figura oval, para transportar de uma quarta o lugar do cometa? Certo que não, mesmo que ele a prolongasse ao infinito. (GALILEI, 2004, p.63)

No trecho citado, Galileu continua sua crítica a Sarsi e mantém-se fixado nos elementos matemáticos do debate que, em tese, deveriam pertencer ao âmbito da astronomia. Na obra da qual extraímos este trecho, *O Ensaaiador*, desenvolve-se um julgamento da obra de um astrônomo rival de Galileu. Curioso é percebermos como o objeto de pesquisa analisado pelo método impõe o plano matemático como medida a todos os pensadores devotados à física, desde essa época. Ajustando elipses e excêntricos aos movimentos planetários, o homem moderno privou-se de analisar a natureza dos corpos celestes (o movimento dos astros) a partir de uma outra perspectiva.

Ao submeter o movimento de corpos celestes a uma coerência de linhas e formas, segundo o método galileano, é possível estimar qual é o trajeto do corpo celeste em questão, porém este é um modo de explanar o problema que podemos caracterizar como a apresentação do fenômeno que se oculta. Tudo o que somos capazes de fazer é identificar uma faceta da mostraçã fenomênica, a qual esmiuçamos até o seu esgotamento, enquanto ignoramos todas as outras faces que poderiam ser identificadas a partir de nossa intuição pura. A submissão de nossa capacidade intuitiva a determinada idealidade matemática tornou nosso modo de teorizar uniforme. “Tudo isto é um descobrimento-encobrimento, e tomamo-lo até hoje como a pura verdade.” (HUSSERL, 2012, p. 42).

A relação estabelecida entre a natureza e os elementos matemáticos privaram-nos da visão da natureza por ela mesma. Condicionaram a maioria dos pesquisadores da natureza a uma mesma perspectiva que torna, de certa maneira, a natureza em uma técnica orgânica, corpos projetados para além da técnica humana. Segundo esta crença, a natureza obedece aos mesmos princípios de funcionamento dos mecanismos humanos.

Argumentar que a geometria foi elaborada pelos gregos, por Euclides, para ser mais exato, antes de ser endossada pelos pitagóricos, não é suficiente para torná-la um modo de teorização baseado no que há de mais originário. Desde sua criação, “a geometria antiga já era uma τέχνη, afastada das fontes originárias da intuição efetivamente imediata e do pensar originariamente intuitivo” (HUSSERL, 2012, p. 39).

Antes das preocupações genuinamente filosóficas, a geometria e a medicina⁵ surgiram pouco depois da moldagem da cerâmica, da pintura e da arte da construção, como mais um artifício humano destinado a facilitação de seu cotidiano. No caso da geometria, antes dos gregos, os sacerdotes egípcios desenvolveram uma técnica similar para a divisão

⁵ A afirmação dos conhecimentos anteriores a própria Filosofia e a afirmação da relação estabelecida entre Ciência e Técnica são endossadas na *Introdução à Filosofia* de Martin Heidegger.

das terras férteis às margens do Nilo. Ou seja, a geometria surge a partir da necessidade da medição, divisão de lotes, distribuição equitativa das terras entre os agricultores e cobrança justa dos impostos feitas pelos funcionários do templo. Logo, estamos lidando com uma técnica desvinculada dos interesses de uma vida teórica.

O que chamamos hoje de ciência moderna caracteriza-se por sua fundamentação nos pressupostos dos mesmos pensadores deste período da história, época a qual confere seu nome. Este período, principalmente, em um viés epistemológico, estende-se até hoje com a sua fundamentação matemática de quase qualquer conhecimento disciplinar. Reconhecida por sua pretensão à certeza, “a filosofia moderna, nas suas ciências objetivas, é orientada por um conceito construtivo de um mundo em si verdadeiro substruído em forma matemática, ao menos em relação a natureza” (HUSSERL, 2012, p.142).

A verdade objetual que está posta a frente, exterior ao sujeito e dada no mundo, leva o homem moderno a optar claramente pelo exame de um universo exterior matematizado, em detrimento de uma interioridade subjetiva esquecida pela ciência. É a partir desta escolha do exame da exterioridade, pela supressão da subjetividade, que esquecemos todo o potencial de observação desta exterioridade em diversos ângulos, em diversas mostrações possíveis.

Na citação seguinte é perceptível, após a descrição das observações feitas através de telescópio, a chegada de Galileu ao extremo de afirmar a existência de uma lógica de natureza eterna dos corpos celestes. A superação da silogística aristotélica e de suas constatações errôneas sobre a imutabilidade e perfeição dos astros, não foram suficientes para fazer Galileu abandonar por completo o sistema filosófico dos antigos. Assim como um naufrago estabonado, Galileu faz afundar o sistema filosófico aristotélico ao passo que se agarra à tábua de salvação que seria a matematização da natureza levada a suas últimas instâncias. Ele exime-se das reflexões pitagóricas sobre as formas perfeitas, sobre a unidade, dualidade, trindade e assim por diante, para dedicar-se à aplicação da matemática no exame das coisas sensíveis, exteriores ao plano ideal.

E é verdade que com a lente do telescópio podem-se observar Saturno, como aparece nesta figura, e Júpiter e Marte sempre daquela forma, e Vênus em todas aquelas formas diversas? Assim que ele com cornos mostra seu disco quarenta vezes maior que quando redondo, e Marte sessenta vezes quando se encontra no perigeu do que quando é apogeu, mesmo que a olho nu não mostra mais que quatro ou cinco vezes sua superfície? É necessário que admitais tudo isto, porque são coisas lógicas e eternas, pois não é possível esperar para poder, através de silogismo, fazer entender que a coisa procede de outra forma. (GALILEI, 2012, p. 238).

Na descrição de um astrônomo que é, antes de qualquer formação, um observador dos astros, são propostas por Galileu: “duas linhas

retas AB, CD, das quais a reta CD seja perpendicular à reta AB,” (GALILEU, 2004, p.63). Ele prossegue com a descrição da hipótese da seguinte maneira: “supondo a reta DC ser aquela que se prolonga do olho para o Sol, aquela pela qual se há de ver o cometa transportado de lugar 90 graus” (GALILEI, 2004, p.63).

E conclui a descrição de um esquema que desperta o interesse dos astrônomos de sua época. É importante perceber aqui, como a observação do fenômeno astronômico é reduzido a um conjunto de retas conexas. O olho veio a se tornar mero ponto de partida da visão, ou melhor, ponto de partida da reta que se prolonga até o Sol. Não há mais nenhum tipo de questionamento sobre a verdade do que é visto, ou a verossimilhança entre o Sol de fato e o Sol observado. Galileu prioriza a objetividade suposta e subtrai toda a subjetividade com o olho “objetificado” que traz consigo o mero papel de refletir, tal qual uma lente, a sua exterioridade.

Em Husserl, encontramos reatados os elos que unem subjetividade e objetividade em seus atributos mais íntimos. Ambas, são reconhecidas como polos interdependentes.

Toda a consideração objetiva do mundo é consideração a partir do “exterior” e apreende somente “exterioridades”, objetividades. A consideração radical do mundo é a consideração interior sistemática e pura da subjetividade que se “exterioriza” a si mesma no exterior (HUSSERL, 2012, p.92);

Torna-se clara a relação entre a subjetividade e a descrição da dimensão objetiva. No sentido de que não podemos contar com a própria sustentação do conceito de objetividade sem contarmos com uma concepção subjetiva do mesmo conceito.

A matematização da natureza é uma espécie de pressuposto que tomou dimensões inimagináveis, expandiu-se até pelo senso comum a tal ponto que, hoje, devemos distingui-lo da condição de possibilidade de ver o mundo.

Se após esta recordação retornarmos à atitude transcendental, à epoché, então o mundo da vida transforma-se, no nosso contexto transcendental-filosófico, no “fenômeno” meramente transcendental (HUSSERL 2012, p.142).

A partir daí teremos a possibilidade de perceber o mundo em sua pura mostraçã, segundo nossa intuição genuína. A matematização da natureza impõe-se entre as ciências e o mundo como uma camada de esterilidade que dificulta o contato das ciências com seu solo filosófico. Ela extingue a possibilidade de se desfrutar de uma pura intuição, isola todas as ciências de seu solo originário e, portanto, desenraiza as ciências de seu fundamento filosófico.

Há uma divisão convencional entre os intérpretes de Husserl que

determina a existência de uma fenomenologia estática e uma fenomenologia genética. A fenomenologia estática é reconhecida pela profunda influência cartesiana no método fenomenológico husserliano. Sua principal finalidade é validar um conhecimento filosófico que precede e assegura todo o conhecimento científico. Em linhas gerais, trata-se de uma relação do ego transcendental, concebido como a maior das certezas, e sua relação com o mundo observado. Também é característica da fenomenologia estática a estratificação dos atos da consciência, segundo os objetos visados e suas aparições que estão inseridas em uma suposta ordem que parte do elementar até suas derivações. Neste período, nós podemos perceber na produção husserliana uma grande influência do paradigma moderno fortemente representado por Descartes.

Podemos afirmar que, depois das Investigações lógicas e de A ideia de fenomenologia, principalmente, com A crise das ciências europeias, a fenomenologia estática encontra-se inserida no interior de uma outra análise, incluída em um plano que chamamos de fenomenologia genética. Distinta da fenomenologia estática, a fenomenologia genética caracteriza-se por analisar a gênese do ato consciente que visa o objeto, ao contrário do modelo estático que encara o objeto como um mero tema visado pela consciência. A tomada de consciência logo deve ser estudada desde o momento em que ela se dá no interior de um meio social, de uma determinada disposição de coisas que estão incluídas no horizonte pré-científico, no mundo da vida. Com esforço, Husserl consegue se desvencilhar do paradigma moderno, apesar de permanecer, naturalmente, no fluxo da Tradição Ocidental.

Uma definição clara determina que “a intencionalidade significava a tendência da consciência subjetiva a empenhar-se na direção de um objeto como sua meta teleológica, o objeto fornecendo ao sujeito seu foco último” (JAY, 2012, p.97).

Esta intencionalidade, antes da consideração do entorno, era percebida por Husserl como uma relação pura entre a consciência e o objeto. A dicotomia entre sujeito e objeto o impedia de observar o meio em que se dava esta intencionalidade e suas peculiaridades. Foi a percepção do entorno que fez Husserl enfatizar o papel do mundo da vida em relação a elaboração de todo o conhecimento humano. Se há ciência, antes devemos levar em consideração um horizonte pré-científico de onde todas as evidências necessárias surgem para fundamentar as teorias científicas.

As ciências modernas, assim como nós as conhecemos, representadas pelas ciências naturais, focaram na dimensão objetual do conhecimento e esqueceram da subjetividade que a justifica. “Toda a consideração objetiva do mundo é consideração a partir do “exterior” e apreende somente “exterioridades”, objetividades. A consideração radical do mundo é a consideração interior sistemática e pura da subjetividade que se “exterioriza” a si mesma no exterior.” (HUS-

SERL, 2012, p.92). Esta subjetividade que apresenta-se segundo normas, valores, costumes compartilhados e nossa própria visão comum de mundo, constituem aquilo que chamamos de mundo da vida. Ele se dá não só pelo convívio social, mas por nossa experiência concreta com a realidade.

O mundo que é simplesmente antes de toda psicologia e teoria, coisas, pedras, animais ou homens existentes, é efetivamente experienciado. Isto é experienciado na vida naturalmente imersa como o “aí” simplesmente perceptual (como presente que simplesmente é, certo de ser) ou, do mesmo modo, simplesmente como “ter sido” segundo a recordação etc. (HUSSERL, 2012, p.178).

E o nosso modo de “experienciar” o mundo é determinado por nossa educação e conseqüente inserção em um meio sociocultural específico, responsável por determinar em parte sobre o nosso modo de agir e perceber o mundo que estende-se ao nosso redor. Tudo parte desta dimensão do “sempre já” que apresenta-se à nossa consciência.

O mundo da vida é na - presentificação do que ficou repetidamente dito -, para nós, que nele vivemos despertos, existindo sempre já de antemão, o “solo” para toda a práxis, tanto teórica quanto extrateórica. Para nós, que somos despertos, sujeitos continuamente e de algum modo praticamente interessados, o mundo é pré-dado como horizonte, não por uma vez, ocasionalmente, mas sempre e necessariamente como campo universal de toda a práxis efetiva e possível. (HUSSERL, 2012, p. 116).

Em Husserl, o mundo da vida pode ser considerado um conceito gerado a partir do anseio de religar o conhecimento científico à nossa vida prática e imediata, à existência diária que nós temos como sujeitos encarnados. A subjetividade do sujeito imanente ao mundo é reconhecida como elemento transcendental que permite a coexistência do eu no mundo a partir da doação originária de sentido fornecida pelo mundo da vida.

Referências

- BACON, Francis. **Novum Organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza**. Trad. José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 2005.
- DESCARTES, René. **Discurso do método**: para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências. Trad. Thereza Christina Stummer. São Paulo: Paulus, 2002.
- DREYFUS, Hubert et al. **Fenomenologia e existencialismo**. Trad. Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- GALILEI, Galileu. **O ensaiador**. São Paulo: Nova Cultural, 2004. Cole-

ção Os Pensadores.

_____. **Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo.** Ptolomaico e Copernicano. São Paulo: Discurso Editorial, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à filosofia.** Trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental.** Trad. Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

JAY, Martin. O mundo da vida e a experiência vivida. In: **Fenomenologia e existencialismo.** Trad. Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

SANTOS, Antônio Carlos; BECKER, Evaldo et al. **Entre o homem e a natureza: abordagens teórico-metodológicas.** Porto Alegre: Redes Editora, 2012, p.47-90.